

Alencar em “Senhora”

José Valdivino

JOSÉ DE ALENCAR, o cearense que parece vivo, precisamente, no centenário de sua morte, tal a influência que inseria no clima sócio-político-literário do Brasil, projetou-se no mundo romântico de seu tempo, ora como jornalista, ora como romancista e teatrólogo, às vezes na feição de poeta.

Durante muitos anos residindo no Rio de Janeiro, conheceu de perto a alma da capital da Corte, com suas virtudes e seus pecados. Desde sua vinda para a capital do Império, aos 8 anos, abismou-se nos estudos, nas leituras, sendo um dos melhores alunos de seu colégio, mas trazia consigo, por educação e hábito de família, acentuada inclinação pelos gostos literários, bem como ficou-lhe no espírito o bucólico da natureza brasileira, sempre fecundo e inspirador.

Todas essas faculdades do escritor refletem-se na sua romancística: a natureza brasileira, a vida da sociedade de seu tempo, o silvícola nacional, o extremo sul do Brasil.

Diz o crítico cearense, Otacílio Colares, a propósito de Alencar: “Enquanto progredia nos estudos, em seu colégio, José ou Cazuzá, porque sabia ler corretamente, era encarregado, após o jantar da família, de fazer em alta voz a leitura de romances cheios de aventuras, com cavaleiros heróicos e heroínas belas e sonhadoras. Extraordinariamente sensível, o menino que viria a escrever tão belas histórias, tendo como paisagem selvas e praias brasileiras e índios valentes e bons como personagens, lia com tal entusiasmo e emoção aqueles

romances, que, muitas vezes, os que o ouviam não podiam conter as lágrimas. O próprio José, depois de famoso, declarava, ao escrever *Como e Por que Sou Romancista*, ter a impressão de haver sido despertada sua vocação de romancista por essas leituras comoventes da infância.” (in *Alencar e sua Obra*, págs. 7, 8).

Senhora é de 1875, o penúltimo romance do escritor. Mais 2 anos, e falecia Alencar. É de convir-se que, após tanto identificado com o sul do País, vítima de ataques à sua pessoa e ao seu estilo, quanto na vida política, quanto na sua intensa atividade literária, recolhesse na alma as cristalizações dessas circunstâncias. Revelou costumes, hábitos sociais, numa época quando era incipiente a indústria e a agricultura ainda vivia nos antigos processos do escravagismo e predominava o gosto aristocrático nos salões, dos bailes de luxo.

Senhora é um reflexo dessa quadra nacional e impresso em Aurélia, figura central do drama, mocinha de 18 anos, ostentando sua beleza no mundo da sociedade carioca: “Parecia que o baile se ajoelhava para recebê-la com o fervor da adoração.” (sic. pág. 72)

Sente-se o Alencar, o antigo Cazuza das leituras em voz alta, para os pais e os irmãos ouvirem, em alguns trechos o romance:

Na página 215 (Edições Melhoramentos, 1939), descreve a cena seguinte: “Seixas descrevia naquele momento a D. Firmina o lindo poema de Byron, *Parisiana*.” “Depois do poema ocupou-se Fernando com o poeta. Ele tinha saudades dessas brilhantes fantasias, que outrora haviam embalado os sonhos mais queridos da sua juventude.” (sic)

A presença de Alencar no jornalismo é marcante, quer como político ou homem de letras, desde os tempos de acadêmico.

Raimundo de Meneses, em seu grande livro *José de Alencar*, ensina: “1851 — Passa a trabalhar como praticante do escritório de advocacia do dr. Caetano Alberto Soares. (.) Estréia no *Correio Mercantil* com um estudo crítico sobre as *Poesias*, de Artur Emílio Zaluar. Em agosto de 1853 Alencar começa a trabalhar na redação do *Correio Mercantil*, a convite de seu velho amigo Francisco Otaviano.” (sic)

O historiador cearense continua seu estudo cronológico, relativo à presença de Alencar na imprensa.

Ora, esse aspecto jornalístico do romancista está transposto em Fernando Seixas: "Filho de um empregado público e órfão aos 18 anos, Seixas foi obrigado a abandonar seus estudos na Faculdade de São Paulo (. . . .), onde Alencar esteve também, em 1862, pela impossibilidade em que se achava sua mãe de não continuar-lhe a mesada." E adiante: "Cedeu pois à instância dos amigos do seu pai, que obtiveram encartá-lo em uma secretaria como praticante. Assim começou ele essa vegetação social, em que tantos homens de talento consomem o melhor da existência numa tarefa inglória, ralados por continuas decepções. Continuando a carreira de empregado público, que lhe impunha a necessidade, Seixas buscou para seu espírito superior campo mais brilhante e encontrou-o na imprensa. Admitido à colaboração de uma das folhas diárias da corte, em princípio como simples tradutor, depois como noticiarista, veio com o tempo a ser um dos escritores mais elegantes do jornalismo fluminense. Não diremos *festejado*, como agora é moda, porque nesta nossa terra os cortejos e aplausos rasteja a mediocridade feliz." (sic. pág. 45)

Heron de Alencar apresenta o seguinte parecer, a propósito da romancística alencarina: ". . . . de modo geral, a crítica em relação a Alencar novamente saiu do plano do sentimento ou da consideração dos fatos da biografia, em vez da compreensão da obra, atraída por certos traços do temperamento e do caráter complexo do escritor, especialmente a vaidade e o orgulho" (in *História da Literatura Brasileira*, pág. 239, v. II).

Gilberto Freire aplicou à obra de Alencar o seu "critério formalista" ao mesmo tempo sociológico e psicológico de interpretação não propriamente literária." (Heron de Alencar, in *História da Literatura Brasileira*, pág. 239, de Afrânio Coutinho). "Em *Diva e Senhora* — diz Wanderley Pinho — as heroínas são castigadas e vencidas e vencidas depois de exporem os apaixonados (transferência do escritor) a humilhações e vexames, sobretudo relacionados com a ogeriza que dedicava à dança." (in *Ipsa loco*). Tem razão Raimundo de Meneses, quando diz que Alencar, quando moço, passou por certa an-

gústia, rejeitado, em pleno salão de dança, por um certo par feminino... Vingança? Transposição psicológica?

Ora, essa transferência é sensível em Aurélia. Tudo na moça é nervosismo, raiva, orgulho e espírito de vingança. Assim comportou-se com Fernando Seixas, seu esposo "comprado"... Seixas fora seu namorado, ao tempo da pobreza da protagonista, quando, pobrezinha, órfã, costureira, residindo em casa modesta, tinha para ele apenas o afeto de seu amor.

Interesseiro, Seixas despreza Aurélia por outra jovem, mais bem aquinhoadada de fortuna. Aurélia não tinha outro arrimo senão a mãe, consumida pela enfermidade que pouco tempo de vida lhe deixava (pág. 136).

Na página 142, lê-se: "No dia seguinte D. Emília recebeu de Seixas uma dessas cartas que nada explicam, mas que em sua calculada ambiguidade exprimem tudo. Compreendeu a viúva ao terminar a leitura do logogrifo epistolar, que estava roto o projetado casamento, e estimou o resultado." (sic)

Inteligente e arguta, sabida e aprendida nas aulas de sua pobreza antiga, consegue comprar Seixas, por intermédio de Lemos, seu tio, pela avultada quantia de cem contos de réis.

Feita a aproximação do casal Seixas — Aurélia, procedeu-se ao casamento, "ao costume da terra, à noite, em oratório particular, na presença de algumas senhoras e cavalheiros"... (...). (pág. 92).

E, quando essas duas almas deveriam unir-se num gesto só, dá-se o inesperado para Seixas: "A voz da moça tomara um timbre cristalino, eco da rispidez e aspereza do sentimento que lhe sublevou o seio, o que lhe parecia ringir-lhes nos lábios como aço." Seixas, apavorado, interroga-lhe: — "Aurélia! Que significa isto?" (sic. p. 103).

Nessa posição de revolta e desesperada vingança, pela humilhação sofrida, de nervosismo e angústia íntima, viveram por quase um ano essas duas almas, dois bólidos que se debatiam e se chocavam, de contínuo. Ela, na sua vingança; ele, no seu orgulho ferido, não cedendo nunca. A vida do casal era apenas uma aparência de felicidade.

A José de Alencar voltam, de quando em vez, as imagens das coisas passadas, do seu tempo de "leitor em voz alta" da família... "Um dos mais lindos poematos de By-

ron é o *Corsário*, dizia Seixas. — Conte, murmurou-lhe ao ouvido a moça com a voz que teriam as sílfides se falassem.” (sic)

Alencar sofreu alfinetadas de muitos, no referente a certos livros seus e ao seu estilo e linguagem. Em certa altura do livro, ele esconde-se por trás de um “critico”, que examina *Diva*, um de seus romances, cuja heroína tem pontos de semelhança com Aurélia: “Fato raro. Entre nós há moda para tudo nos salões; menos para as letras pátrias, que ficam à porta, ou quando muito vão para o fumatório, servir de tema a dois ou três incorrigíveis. Nesse dia fez-se uma exceção. Alguém, que tinha a prurir-lhe os lábios a condenação dogmática de um livro que lera recentemente, apesar de publicado desde muito, aproveitou o momento para essa execução literária.

— Já leram a *Diva*?

Respondeu um silêncio cheio de surpresa. Ninguém tinha notícia do livro, nem supunham que valesse a pena de gastar o tempo com essas coisas. (...) A crítica, por maior que seja a sua malignidade, produz sempre um efeito útil que é aguçar a curiosidade. O mais rigoroso censor mau grado seu presta homenagem ao autor, e o recomenda.” (op. cit., pág. 264).

Esta conduta metalingüística de Alencar serve-lhe de desafo d’alma. Quantos foram contra ele!! Quantos vieram, pelos seus gloriosos caminhos literários, com o intuito de minguar-lhe a fama e nome, feitos ao preço de tenacidade e valor moral!

O senso artístico do Autor deu-lhe margem para uma contínua defesa. Bem escreveu a propósito, aqui no Ceará, o célebre crítico filósofo Raimundo Antônio da Rocha Lima: “O romancista deixou-se impressionar por todas as faces da natureza e da sociedade; a psicologia só não o satisfez e ele criou também a patologia do organismo social.” (R. A. Rocha Lima, in *Crítica e Literatura*, pág. 81. Tip. do R. Pais, 1878. Maranhão).

Daf o Lemos — o agiota fanfarrão. O Seixas — o homem dos bailes.

D. Firmina — mulher modesta e simples. Aurélia — a jovem nervosa, mas de comportamento pessoal impecável.

O Ceará e todo o Brasil prestam à memória de José de Alencar, no centenário de sua morte, o merecido preito da glorificação.